III. O Pai de Jesus Cristo

Mário de França Miranda, S.J.

Não vamos colocar a questão de Deus como a de uma busca de sentido para a realidade tal como a põe a filosofia, nem iremos refletir sobre a possibilidade de um discurso sobre Deus dentro de uma conceituação científica, como o fez o Pe. Paul Schweitzer, mas vamos tratar do tema Deus, procurando simplesmente ver quem é esse Deus, como ele, de fato, se comporta para o homem. Portanto não se trata tanto para nós de refletir sobre a questão da existência de Deus, e sim examinar como o homem percebe esse Deus agindo nele, atuando em sua História. O problema não é conseguir um lugar para Deus dentro do nosso mundo e sim chegar à imagem de Deus, que nos trouxe Jesus Cristo.

Tanto no Antigo, como no Novo Testamento, o problema central a respeito de Deus era o de sua imagem. Toda a luta dos profetas visava conservar pura a fé de Israel em Deus, manter pura a fé monoteísta daquele povo.

Ao longo dessas considerações iremos ver que, de alguma maneira, também a luta de Jesus Cristo vai ser em torno da imagem de Deus.

Creio que esse enfoque tem uma grande importância para o nosso continente latino-americano onde, assim me parece, o problema primeiro é o que poderíamos chamar de idolatria, isto é, de muitas imagens de Deus sendo vendidas no mercado da América Latina como imagens do Deus de Jesus Cristo, que de fato não o são.

E também chamo a atenção para um ponto, logo de início: este Deus, tal como aparece na revelação, tal como aparece na Escritura, não tem como primeira preocupação mostrar quem ele é, mas busca, antes de tudo, salvar o homem. É buscando salvar o homem que Deus revela quem ele é.

Vamos então, partindo da pessoa de Jesus Cristo, procurar entender como é que a Igreja chegou a explicitar o seu Deus como um Deus Trindade, como um Deus Pai, Filho e Espírito Santo; vamos ver porque esse Deus, apesar da revelação de Cristo, continua sendo um mistério para nós e, finalmente, numa última parte, procuraremos esclarecer um pouco que pressupostos devemos respeitar para conhecermos de fato o Deus de Jesus Cristo, sem confundi-lo com ídolos, que também podem ser invocados como Deus, não sendo contudo o Deus que Cristo nos revelou.

Tema central da pregação de Jesus Cristo era o reino de Deus. Ele dizia: "Fazei penitência, o reino de Deus está próximo", e mesmo: "O reino de Deus está entre vós." Esta expressão *"reino de Deus"* que, para nós hoje precisa ser explicada para que a entendamos, era perfeitamente compreensível e clara para os contemporâneos de Cristo. Nós podemos dizer que, ao longo de todo o Antigo Testamento, aquele povo sonhava com a sua libertação plena, aquele povo esperava o dia em que veria o Messias, que iria livrá-lo de seus inimigos e implantar neste mundo uma sociedade fraterna, uma sociedade justa, uma sociedade onde, de fato, os homens seriam irmãos uns para com os outros, e onde não haveria divergências nem violências; todos teriam o suficiente para viver e serem felizes.

Naturalmente, a realização deste anseio do povo de Israel, foi sendo adiada para o futuro pelos profetas, devido às duras experiências do momento presente, permanecendo contudo um dado central da fé daquele povo, um tema importante de sua espiritualidade.

De modo que, quando Cristo apareceu e disse: "O reino de Deus está iminente, fazei penitência", o povo percebia muito bem o que ele queria dizer. Aquilo que tantas gerações tinham esperado, começava a se tornar realidade. É este reino de Deus — que poderíamos traduzir, hoje, por domínio de Deus entre os homens —, domínio de amor, não de opressão, — que, na medida em que o homem o aceita, abrindo-se para este amor de Deus e respondendo a ele no amor a seu semelhante, experimenta estar construindo a sua felicidade, a sociedade justa e fraterna, querida por Deus. Somente à luz do reino de Deus podemos entender a pregação e a vida de Jesus Cristo, pois suas palavras e suas ações procuravam revelar-nos esta realidade.

Por suas palavras mostrava que esse Deus que queria reinar entre os homens, não vinha para oprimi-los, e sim para levá-los à sua realização e felicidade. Cristo nunca falava de si mesmo, falava e pregava sempre o respeito de Deus, a quem chamava Pai. Este Pai, ele o revelava como um Deus de amor, como um Deus que aceita perfeita e plenamente o homem, como um Deus que acolhe o homem como ele é, sem fazer exigências, como um Deus que está sempre pronto a perdoar, como um Deus — descupem a palavra — humilde, como um Deus que não tem vergonha de ir atrás de alguém que lhe está dando as costas, de ir atrás do pecador. Tudo isso aparece muito claramente no Novo Testamento, sobretudo nas parábolas; nelas Cristo nos revela Deus de modo profundo, embora na simplicidade oriental de uma pequena estória. Só para trazer dois exemplos: a parábola do Filho Pródigo, que todos nós conhecemos — que deveria ser chamada a parábola do pai misericordioso, porque a personagem central nessa parábola é Deus, é o Pai, que acolhe o pecador sem colocar condições. Outra, na minha opinião, ainda mais profunda, é a parábola do fariseu e do publicano, muito explosiva, quando examinada em seu conteúdo: dois homens vão ao templo para rezar. Um é cumpridor da Lei, é o fariseu que se considera justo e manifesta isto em sua oração; o outro é pecador, é o publicano que de joelhos na porta do templo, nem ousa entrar em diálogo, em discussão com Deus, porque sabe que sua causa já está perdida: "Senhor, tenha compaixão de mim, que sou um pecador". E Cristo conclui esta parábola dizendo que um foi para a casa não justificado, não no estado de graça, não aceito por Deus; esse foi o fariseu que julgava cumprir perfeitamente a Lei; o outro foi para a casa justificado, salvo. Esta conclusão nos desconcerta, como devia chocar os contemporâneos de Jesus.

Cristo quer com isto dizer que o Deus ao qual rezavam o fariseu e o publicano, é um Deus que sabe de que massa é feito o homem, aceitando-o em sua limitação, em sua incapacidade de ser bom. No momento em que o homem aceita esse Deus que o ama, então ele se salva.

Apenas uma exigência apresenta este Deus de Jesus Cristo para aceitar o homem: é que este homem trate o seu semelhante da mesma maneira com que ele o trata, tendo com outros a mesma atitude que Deus tem para com ele.

No final do sermão da montanha, como que resumindo as exigências morais, Cristo afirma: "Sede misericordiosos como vosso Pai celestial é misericordioso" (Lucas) ou "Sede perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito" (Mateus). Isto é, aqules que de fato são aceitos por Deus, que de fato se salvam, devem assumir a mesma postura de Deus.

A mensagem do reino de Deus foi não só pregada, mas também vivida por Jesus Cristo. É a outra maneira, talvez mais expressiva para nossos dias, com que revelou Deus. Em sua vida aceitava a todos, sem impor condições. Ele que nos pede para imitar o Pai, foi o primeiro a realizar isto em sua vida. Tudo o que lemos no Novo Testamento a respeito do seu trato com pecadores, com pobres, com marginalizados, com prostitutas, com enfermos, com paralíticos, com publicanos, com todas as classes sociais mais desprezadas naquele tempo, é também revelação de Deus; por ele sabemos como é que Deus, se estivesse aqui, trataria, de fato, a todas essas pessoas.

Naturalmente, essa mensagem, essa imagem de Deus que Cristo estava veiculando pela sua pregação, pela sua ação, pela sua práxis, contrastava com a imagem de Deus do clero daquele tempo. Para os fariseus o homem só era aceito por Deus, se cumprisse a Lei. Aí sim, ele poderia se apresentar diante de Deus; entre Deus e o homem havia a Lei; e do cumprimento da Lei saberia o homem se era aceito por Deus e se salvaria. De modo que, se o homem não cumprisse a Lei, estava condenado; se o homem ignorasse a Lei e portanto a transgredisse, também estava condenado. Daí os fariseus não perderem tempo com os pobres, com os analfabetos, com aqueles que nem conheciam a legislação mosaica; já estavam condenados de vez. E foi exatamente para esses que Cristo se dirigiu. Portanto, na própria escolha de um auditório, Cristo já estava veiculando uma imagem de Deus. Um Deus que salvava gratuitamente o homem desde que ele acolhesse esta salvação; portanto o homem não se salva por mérito próprio, na base apenas de seu esforço em cumprir a Lei.

Aos poucos essa imagem explosiva de Deus, trazida por Jesus Cristo, começa a incomodar aquela sociedade, que era uma sociedade sacral, estruturada em torno de valores religiosos; a vida e a pregação de Jesus atingiam os fundamentos de toda sociedade de seu tempo.

Na medida em que Cristo começa a relativizar a Lei, a relativizar os ritos, a corrigir a própria lei mosaica, ou a afirmar que seu Deus se encontra menos no culto do que no irmão necessitado, não poderia tal atitude deixar de provocar uma reação.

Hoje, os teólogos estão de acordo em afirmar que os conflitos experimentados por Cristo e que tiveram como desenlace o seu assassinato, nasceram e tiveram por causa a imagem de Deus que Cristo estava veiculando. Os fariseus e sobretudo os saduceus, que tinham o encargo do templo, perceberam as conseqüências dessa mensagem e trataram de eliminar na fonte essa doutrina, que poderíamos chamar subversiva, para aquele tempo. Tudo o que lemos no Novo Testamento a respeito da relativização do sábado, dos ritos e do próprio culto levou a esse desenlace que todos conhecemos.

Também a Ressurreição de Cristo tem, dentro dessa perspectiva, um sentido muito profundo; ela mostra que o Deus que Cristo revelou confirma a sua vida, confirma a sua mensagem, aprova a revelação que ele fez da sua imagem.

Por outro lado Jesus Cristo se distingue dos outros profetas ao assumir uma posição pessoal diante da Lei. Ele ousava aperfeiçoar, criticar a Lei, coisa que ninguém naquele tempo tinha coragem de tocar, porque ela era exatamente a expressão da vontade de Deus. Também Cristo se mostrou perfeitamente independente em relação a todos os grupos religiosos do tempo; embora tratasse com todos, não se identificou com nenhum.

Em sua vida e em suas palavras Cristo também mostrou um novo tipo de relacionamento com Deus. No evangelho de S. Marcos aparece a palavra *"abba"*, que significa *papai*, expressão usada somente pelas crianças, para chamar o pai. Cristo invocava Deus com esta expressão, que, para que seus contemporâneos, quase, equivalia a uma blasfêmia.

Portanto, a vida e pregação de Cristo estão intimamente relacionadas com Deus e com o reino de Deus. A comunidade primitiva procura exprimir, depois de sua morte, o mistério de sua pessoa tão singular e original.

O Novo Testamento nos apresenta as tentativas feitas pelos fiéis, na pobreza de conceitos para dizer quem é esse Jesus Cristo. Todas essas expressões são insuficientes: Messias, Filho de Deus, Senhor, Senhor Jesus, Jesus Cristo, ou simplesmente afirmando que ele está, agora, sentado à direita de Deus, são conceituações humanas para dizer que este homem não era como um de nós; este homem tem alguma coisa a mais; ele não só revelou o Pai, mas foi a revelação perfeita de Deus. E só lentamente, com muita hesitação, é que a comunidade primitiva ousou chamar Cristo de Deus, vocábulo reservado ao Pai. De fato, em todas as centenas de vezes em que aparece a palavra *Deus* no Novo Testamento, apenas seis vezes ela é empregada para Jesus; o vocábulo *Deus* sempre se refere ao Pai.

De modo que, se compararmos, por exemplo, os discursos de S. Pedro nos Atos dos Apóstulos, que apenas falam de Deus que "ressucitou esse Jesus que vós matastes", com o prólogo do Evangelho de S. João, que já é fruto de muito mais reflexão, escrito muitos anos depois e que diz que o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus, vemos que para se chegar a esta formulação foi necessário muito tempo, muita reflexão e muito amadurecimento na fé. Temos então Jesus Cristo também invocado como Deus, como o Deus presente em nossa História.

Porém depois da Ressurreição de Cristo, a comunidade primitiva percebe nela uma força, a força que a faz dar testemunho de que esse Jesus Cristo está ressuscitado, está junto de Deus, que esse Jesus Cristo era para ela o sentido último da História. Essa força de Deus que os primeiros discípulos experimentam, e que, de alguma maneira, já tinham experimentado no próprio Cristo quando falava, quando fazia os milagres, quando discutia com os fariseus, essa força de Deus em Cristo que eles percebem em si mesmos, vai ser chamada por essa comunidade, usando uma expressão que vem do Antigo Testamento, de Espírito. Espírito, em hebraico vento; elemento importantíssimo para aquele povo nômade, qeu vivia à beira do deserto, por trazer a chuva e portanto a fertilidade, e tornar possível a própria vida. Como Senhor do Vento, Deus manifestava portanto o seu poder; a palavra grega para vento é *pneuma*, traduzida por *espírito*. O vocábulo aqui é secundário; mais importante é a experiência que eles tiveram dessa força de Deus. E essa força de Deus, segundo testemunho do Novo Testamento, continua em nós; essa força de Deus é a força necessária para que nós possamos entender quem foi Jesus Cristo, para que não nivelemos Jesus Cristo a um simples mortal, como afirma muito bem São Paulo, quando diz: "Ninguém diz: *Cristo é o Senhor*, a não ser na

força do Espírito Santo". Em outras palavras, não podemos ter fé, a não ser por essa força de Deus.

Para que Cristo continue vivo, não vivo como Sócrates, Platão ou Aristóteles, não vivo de alguma maneira na memória da humanidade, mas para que continue vivo na nossa vida, para que a gente de fato consiga viver a sua atitude, os seus valores, os seus amores, é necessário, então, essa força de Deus, esse Deus presente em nós pela sua força, a que chamamos Espírito. A grande tentação, talvez, do Cristianismo é esquecer esta personagem chamada Espírito Santo, e cairmos numa religião de práticas, numa religião de leis, descambando para um legalismo e um moralismo que esvaziam completamente o Evangelho.

A reflexões breves e incompletas feitas até aqui nos permitem perceber bem o que foi dito no início desta palestra: Deus não procurou mostrar ao homem quem ele é, mas veio ao encontro do homem para salvá-lo; e entrando na História dos homens (Cristo) e continuando na História dos homens (Espírito), ele se revela como Pai, Filho e Espírito Santo.

Nós temos o Cristo como o Deus em nossa História, que nos abre o caminho para o Pai, para Deus; Cristo como caminho, verdade e vida; nós temos o Deus que o enviou, exatamente o Deus que é a meta da nossa peregrinação, da nossa caminhada e finalmente temos o Deus que nos acompanha, para que nós lá cheguemos, que é o que nós chamamos Espírito Santo.

Deus com meta, Deus como revelação, Deus como força, isso é o que a Igreja chama a "Santíssima Trindade". Não se trata tanto de um mistério de ordem lógica, mas se trata de um mistério de ordem salvífica.

Ainda uma palavra sobre esse Deus como mistério, já que falamos disso. Mesmo com a revelação feita por Jesus Cristo, Deus continua um mistério para o homem, de maneira que haverá sempre muita filosofia, enquanto houver humanidade, tentando, de alguma maneira, chegar mais perto desse grande enigma para nós. Contudo podemos dizer, de uma maneira clássica que, sendo perfeitamente transcendente, sendo infinito, Deus nunca poderá ser domesticado pela razão humana, Deus nunca poderá ser um elo de uma cadeia de raciocínios humanos; Deus sempre transcenderá tudo o que o homem possa

pensar sobre ele, em termos de inteligência, seja de liberdade; Deus nunca será manipulado pelo homem. É outra maneira de Deus mostrar sua transcendência. O homem nunca conseguirá manipulá-lo. Talvez este seja a grande tentação de todas as religiões humanas, tentar manipular a divindade. Em vão, pois não somente nesta vida, mas ainda na visão beatífica, Deus continuará sendo um mistério para o homem.

Não nos deve espantar portanto que tudo que diga respeito a Deus, esteja envolto em mistério. Nunca conseguiremos penetrar racionalmente no mistério da Trindade; sempre para nós será um enigma um Deus em três pessoas: o Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Santo é Deus, e há um só Deus; nunca conseguiremos penetrar profundamente, como gostaríamos, na pessoa de Jesus Cristo; nunca conseguiremos entender o que é a graça de Deus, o Espírito Santo.

Mas é importante que não vejamos o mistério como alguma coisa que se opõe à nossa razão e sim, como o que exatamente leva o homem à sua própria realização. Porque a inteligência humana está, como vimos nas colocações do Pe. Paul Schweitzer e do Pe. Vaz, sempre beirando o mistério; quando mais ele avança, mais ela percebe a escuridão que tem pela frente. Então, naturalmente, ela terá sua realização, não quando puder iluminar tudo (porque ela sempre encontrará mais coisas pela frente), mas quando, superando a si mesma, se entregar, num gesto de amor, num gesto de doação, ao próprio mistério. E aqui podemos entender porque, para o Cristianismo, o mais importante não é a razão, mas o amor. Para o homem também o que o realiza não é a razão, mas é exatamente o amor.

Então isso nos indica já que esse Jesus Cristo, que revelou o Pai, também viveu — porque foi um homem — essa dimensão de Deus como mistério. Cristo também, na sua vida, foi fiel à sua missão, entregando sua existência pelos homens, vivendo profundamente o amor, abandonando-se ao mistério de Deus.

Isso nos mostra que, enquanto não chegarmos também a essa dimensão de entrega, nossa experiência de Deus não poderá ser a experiência de Jesus Cristo, não poderá ser uma experiência autêntica do Deus de Jesus Cristo.

Finalmente gostaria de tocar num ponto que diz respeito ainda à imagem de Deus, que Cristo nos trouxe e que no-lo mostra como um Deus comprometido com o homem.

Tanto na História de Israel, como na mensagem do reino de Deus trazida por Cristo, Deus aparece como um Deus preocupado em salvar o homem todo: corpo e alma, individual e socialmente. É um Deus que quer o homem feliz, é um Deus que quer o homem realizado, é um Deus que se alegra com o crescimento do homem; não é um Deus ciumento. Pelo contrário.

A tal ponto ele se compromete com o homem, a tal ponto ele se mostra solidário com os mais fracos, com os mais pobres, que o Cristianismo lança uma afirmação que religião alguma ousou fazer: que Deus se identifica com o próprio homem: "O que fizeres ao menor de meus irmãos, foi a mim que o fizestes". De tal maneira esse Deus leva o homem a sério, aceita o homem e quer o bem do homem, que para o Cristianismo não se vai mais a Deus a não ser passando pelo homem; não se atinge a Deus a não ser por meio de nosso semelhante.

E com isto, o Cristianismo relativiza tudo; tudo o que possamos ter de estrutura, de instituições, de culto, fica relativizado por aquilo a que chamamos a lei do amor, a lei da caridade. Portanto este é um Deus que não aliena o homem da sua responsabilidade na História; pelo contrário, é um Deus que remete o homem à História, que remete o homem aos desafios que a História lhe põe; é um Deus que lança o homem na tarefa da luta pela justiça e pela paz; é um Deus que é encontrado, principalmente, na medida em que o homem começa, de fato, nesta vida, a implantar o assim chamado reino de Deus.

E por aí se vê que esse Deus cristão é um Deus que está mais próximo de alguém que esteja comprometido com o seu semelhante, do que de alguém que o tenha muito claro em conceitos. Portanto este Deus também pode ser encontrado por aqueles que não conhecem ainda explicitamente Jesus Cristo e sua mensagem, ou por aqueles que rejeitam Jesus Cristo e sua mensagem, por os terem compreendido falsamente. De tal modo que uma pessoa pode, de fato dizer "eu não aceito Deus, porque esse Deus não existe; é um ídolo", e estar, no fundo do seu coração, comprometido com Deus, porque está comprometido com seu irmão.